

## **LIEV TOSTOI: A Ética da Escola Yasnaia Poliana**

Higor Porto de Souza<sup>1</sup>

Luiza Angélica Paschoeto Guimarães<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho acadêmico dissertará sobre as concepções educativas de Liev Tolstói e como tais concepções se refletiram na criação e funcionamento de sua escola, Yasnaia Poliana, na Rússia. A educação libertária em Tolstói fez com que sua escola fosse considerada uma escola livre e diferente de qualquer outra. Trata-se de um estudo bibliográfico que utilizou as obras do autor, traduzidas da língua francesa. Verificou-se que sua visão anarquista não traz o modelo educativo perfeito, mas se ajusta aos alunos, contemplando as variações dos seus desejos de aprendizagem, vendo como a ela pode acometer cada um, respeitando seu devido tempo, oferecendo liberdade e meios torna-la real. Essa é instrução livre e espontânea.

**Palavras-chaves:** Liev Tolstói. Yasnaia Poliana. Educação Libertária. Anarquismo.

## **LIEV TOSTOI: The Ethics of the Yasnaia Poliana School**

### **Abstract**

This academic work is going to dissert about the pedagogic educative conceptions of Liev Tolstói, and how such notions reflected on the creation and functioning of his school Yasnaia Polyana, in Russia. The libertarian education in Tolstói made his school be considered a free school and different from any other. It's about a bibliographic study that used the author's Works, translated from the French language. It was found in his anarchist vision that it doesn't bring the perfect educative model, but the one that adjusts to the students, contemplating the variations of the wishes of learning, and how it can happen to each one, respecting its due time, offering freedom and ways to make it happen. This model is free and spontaneous instruction.

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pelo UGB/FERP.

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela PUC-Rio.

**Keywords:** Liev Tolstói, Yasnaia Poliana, Libertarian Education, Anarchism.

## **Introdução**

Este trabalho tem por finalidade explicitar a biografia de Liev Nikoláievich Tolstói, assim como dissertar sobre sua concepção educativa. Analisaremos como era o funcionamento de sua escola, localizada em Yasnaia Poliana, na Rússia, sua cidade natal. A instituição seguia a linha da educação libertária, colocando em prática as suas ideias, que tiveram inspiração em Jean Jacques Rousseau.

Considerado um anarquista cristão, Tolstói trouxe uma nova visão acerca do ato educativo. Suas ideias, até os dias de hoje, provocam questionamentos sobre como ocorre a educação formal conhecida. Ele fala sobre a melhor ética para o âmbito escolar, o que é a verdadeira ordem/disciplina e questiona se a ordem/disciplina é algo a ser imposto aos discentes ou compreendida por eles como necessário.

Tolstói também traz uma linha de atuação diferente para os docentes em sala de aula. Faz refletir se a relação de “respeito” entre discente e docente é a mais saudável para que a aprendizagem aconteça; como o professor começa a conquistar o respeito de seus alunos; como ele exerce sólida influência sobre seus alunos e quando se torna um verdadeiro mestre.

O estudo buscou, na escola Yasnaia Poliana, a ideia de liberdade proferida por Tolstói. E também verificou seu modo de atuar no processo ensino-aprendizagem com essa liberdade. Buscamos compreender seu funcionamento, a ética de seus professores e como estes lidavam com os estudantes. Além disso, procuramos compreender os problemas e soluções que encontravam para lidar com os alunos e como a escola se ajustava às necessidades de deles.

Para tanto, foi feita uma pesquisa de caráter bibliográfico, analisando os próprios escritos de Tolstói, encontrados em língua francesa e traduzidos pelos próprios autores deste trabalho.

## **A vida de Tolstói**

Em uma aldeia chamada Yasnaia Poliana, constituída por uma rua única com diversas cabanas de barro amassado e teto de colmo, uma igreja e uma fonte de água pública, situada a 15 km de Tula (Тула, cidade ao sul de Moscovo), nasceu Liev Tolstói. Filho de Nicolau Ilitch Tolstói, o escritor veio ao mundo em 9 de setembro do ano de 1828. Nessa época seu país era um imenso império semi asiático e congelado no imobilismo político e social. Regido por meio da autocracia e direito divino pelo Czar Alexandre I, quem regia com mãos de ferro. Posteriormente, seu sucessor, Nicolau I, consolidou o regime.

Filho de uma importante família ligada aos Czares, Tolstói ficou órfão ainda criança, e com isso, fora educado por preceptores. Descendente de uma família rica de linhagem aristocrática, recebeu uma fortuna como herança, na qual se perdeu em sua idade mais tenra, gastando parte dela com bebedeiras, glotonias e outros tipos de prazeres vaidosos que o dinheiro pode comprar. Em 1851, devido a um sentimento de vazio existencial, veio a alistar-se no exército russo, servindo nas guerras do Cáucaso, na guarnição. Durante a guerra da Criméia, como segundo tenente em regimento de artilharia. Depois de ver tanta morte e tragédia, se tornaria um pacifista.

Porém, ainda 1847, após sua saída da Universidade de Kazan, fascinado pela pedagogia e leitor entusiasta das obras de Rousseau, Tolstói havia criado em Yasnaia Poliana, uma escola para os filhos dos camponeses. Devido a sua ida para o Cáucaso, teve de fechar essa instituição. Alguns anos mais tarde, em 1959, uma nova escola seria aberta, instalada nas dependências de seu castelo. No começo, enfrentou muitas dificuldades, não somente pela má vontade dos mujiques em mandarem seus filhos para lá, mas também pelo papel de pedagogo improvisado que Tolstói exercia.

Tolstói começou a se indagar a respeito do ato de instrução: será que mediante a instrução, serão afloradas necessidades impossíveis de serem satisfeitas em meus alunos? Será que isso os tornará infelizes? Durante um bom

tempo chamava seus alunos para, juntamente com ele, exercerem determinados trabalhos no campo, e logo depois, fechou novamente a escola.

Depois disso, Tolstói viajou para alguns países da Europa com essa preocupação em mente, visitava escolas na Alemanha, Inglaterra e França, a fim de descobrir mais sobre a instrução. Infelizmente, se deparou com um cenário frustrante, em que os alunos não eram inspirados a serem eles mesmos e se descobrirem como pessoas. Eram, entretanto, coagidos por métodos severos de ensinar. Na maioria das vezes, limitados a rotinas obrigatórias, punições severas mediante quebra das regras e aprendizagem baseada na memorização dos conteúdos. Os alunos eram obrigados a cantarem hinos sagrados em reverência ao rei ou à autoridade de seu país.

Tolstói baseava sua ideia de ensino a partir da instrução livre e espontânea. Para ele, toda a obrigatoriedade, todas as disciplinas e todas as rotinas eram nocivas ao processo de aprendizagem livre e espontâneo. Baseado, principalmente, em Rousseau. Também teve influências menores de Montaigne e Froebel. Tinha como lema que *o essencial é a igualdade e a liberdade*. Uma vez aplicado à educação, esse lema transformaria o jeito de instruir e inspiraria seu real potencial.

Em 1862 casou-se com Sônia Andreievna Bers e com ela, teve 13 filhos. Durante 15 anos dedicou-se intensamente à vida familiar, mas o casamento estava longe de ser harmônico. Intensas desavenças desencadeavam-se entre os dois constantemente ao longo dos anos. Tolstói não compreendia o prazer que sua mulher e filhos tinham em viver uma vida tão supérflua, cheia de vaidades que não ajudavam aqueles que realmente precisavam de ajuda na sociedade em que viviam.

O descontentamento de Tolstói para com sua companheira e filhos, era derivado do seu tormento pela falta de compreensão acerca do sentido da vida, isso o levou a estudar profundamente a filosofia, teologia e até mesmo, a ciência. Entretanto, não obteve o êxito que procurava para saciar sua inquietude, o que o fez dedicar-se a acompanhar o modelo simples de vida dos camponeses que viviam em sua propriedade. Assim, começa o período que ele próprio chamou

de sua “conversão”. Sua ideia atraiu uma multidão de seguidores, os quais foram denominados “tolstoianos”.

Embora tenha se adaptado ao estilo de vida camponês pelo qual se encantou, não conseguiu alcançar a simplicidade que almejava em sua totalidade, pois era constantemente cobrado por Sônia, que era acostumada ao luxo e à riqueza. Isso lhe causava profunda irritação, fazendo-o pensar em abandonar a casa. Por muitas vezes desejou deixar a família, conseguia apenas afastar-se temporariamente, quando suas crises existenciais o incomodavam. Seu refúgio era sempre a propriedade em Yasnaia Poliana.

Quando tinha 82 anos, decidiu fugir de casa, da vida em que não acreditava mais. A fuga foi bem-sucedida nos primeiros dias, mas devido ao frio das noites de seu país, Tolstói contraiu uma pneumonia, que o levou ao falecimento em 20 de novembro de 1910, na Rússia.

Seu sepultamento foi acompanhado por uma multidão que compreendeu entre 3 a 4 mil pessoas, constituída também pelos camponeses que trabalharam em sua propriedade.

As ideias de Tolstói eram dotadas de paixão, humanismo e solidariedade pelo próximo. Ele buscava o natural, o simples, a vida próxima da natureza e a religiosidade sem dogmas.

Entre suas obras mais famosas estão “Guerra e Paz” e “Anna Karenina”, que foram adaptadas para o cinema.

## **A Ética em Tolstói**

O autor russo tinha sua visão de ética no mundo da educação fundamentada nas ideias de Jean Jacques Rousseau, como ele próprio assinala.

Em todos os séculos e em todos os povos, a criança é representada como emblema da inocência, da pureza, do bem, da verdade e da beleza. O homem nasce perfeito. É o grande pensamento de Rousseau, que continuará verdadeiro e firme como rocha. Ao aparecer no mundo, o homem representa a harmonia da verdade, da beleza e do bem. (TOLSTOI apud COUSINET, 1959, p. 34)

Segundo Cousinet (1959), ao criar sua escola, Tolstói pensava que a educação deveria ser pautada na liberdade e na espontaneidade. Não há verdadeira instrução quando as liberdades de pensamento e criatividade são restringidas. A liberdade da criança deve ser respeitada, pois ela deve desfrutar de seu autocrescimento, que é um processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas habilidades.

Essa visão habita os dias contemporâneos em determinadas escolas onde as crianças têm a liberdade para se descobrirem nos infinitos caminhos que a aprendizagem pode levar. Priorizar a liberdade da criança e orientá-la nesse processo é fundamental para que o fazer educativo seja, de fato, significativo.

A ética do escritor visava à construção da autonomia da criança. Segundo seus próprios escritos, o aluno tem o direito de escolher o que é de seu interesse e qual conhecimento lhe será útil no momento. Para ele, não faz sentido algum educar uma criança, pois a mesma está mais próxima do que qualquer adulto da harmonia do bem, daquilo que é verdadeiro. Sendo assim, a ética do sistema educativo para com seu aluno, se dará em fornecer-lhe meios para que ele se desenvolva espontaneamente, sem pressões externas. (COUSINET, 1959).

A ética pedagógica de Tolstói busca desmontar a ideia de que a educação deve ser imposta por terceiros e que o aluno deve aprender apenas aquilo que o sistema educativo deseja. A inquietude que incomodou diversos filósofos como Platão, também incomodou Tolstói: *o que a criança deve aprender? Como a criança deve aprender? Quando deve aprender?*

A história mostra que a sociedade sempre apresentou uma visão de superposição de um ser humano sobre outro. O que é ético para a classe

dominante deve ser a ética de todos. São as elites dominantes que determinam o que, como e quando um conhecimento deve ser ensinado e a escola reproduz os desígnios das elites.

No caso brasileiro, por exemplo, o conceito ético das escolas foi se desenvolvendo de acordo com o movimento da história, mediante marcos importantes como o “Descobrimento do Brasil”, as escolas jesuíticas, a declaração da independência, a influência da revolução industrial, da revolução francesa, os movimentos educativos em massa etc. Mas, o que nunca mudou foi o fato de que a educação sempre serviu a um propósito externo, como um instrumento de dominação. Sua ética a direciona para o ganho de um interesse maior.

Segundo Tolstói (1888, s.p.), a visão ética da escola deveria mudar de acordo com o passar do tempo, porque apesar de parecer que estamos em um caminho de desenvolvimento crescente, vemos uma decadência institucionalizada, derivada da ignorância às carências do indivíduo e a uniformização do todo. A história não parece mais estar em um movimento progressivo, e sim, em um processo cíclico, em que há momentos de alta e de queda brusca, dentro do que poderíamos considerar como a prática de uma ética de ensino ideal.

A ética de Tolstói (1888) diz que uma criança nunca será capaz de apreciar a verdadeira educação a não ser que, primeiramente, ela conheça a si mesma. Uma estrutura educativa curricular tendenciosa que influencie o menino a caminhar em uma direção específica, claramente o cerceará em algum ponto de seu desenvolvimento, em suas inquietudes e curiosidades, que surgem ao acaso em sua mente. Considera que, se é necessário que a criança siga um determinado caminho para chegar em lugar pré-determinado, obviamente haverá limites que ela não poderá ultrapassar, pois seu caminho é linear.

Para Tolstói, ao limitar os seus alunos e seus professores, as escolas acabam por transmitir uma ideologia educativa prejudicial a todos no processo. A escola toma como referência uma outra escola anterior a ela, mais antiga, para a realização de seu trabalho. Temos que levar em consideração o que deu certo

no passado? Sim. Mas será mesmo que devemos ficar nos atendo ao mesmo velho modelo todas as vezes? Não. A escola precisa renovar sua ética educativa. Em todos os tempos a escola se encarregou de tirar qualquer possibilidade de ação do professor para fazer o que é realmente preciso e/ou combater as necessidades de seus alunos. As instituições educativas se pautam na disciplina rigorosa e o aluno não pode expor ideias fora do contexto da matéria da aula. Não pode escolher nada além do que lhe é mostrado para ser aprendido. O modo como a escola funciona, exclui todas as possibilidades de real progresso.

Mediante a esse tipo de instrução, de acordo com Tolstói, a criança desenvolve um estado psicológico denominado “escola”. Nesse estado, todas as faculdades superiores da mente humana, como gênio criativo e dignidade, dão lugar a outras faculdades semi-animalescas. O que seriam essas faculdades semi-animalescas? Atividades mecanizadas. As crianças são programadas como a um *software* de computador. Aprendem a contar de um a dez em uma linha reta, aprendem histórias sobre as quais não podem questionar muito, não sabem os significados dos diferentes sons que podem produzir etc. As habilidades que mais lhes são cobradas são a atenção e a memória e todo o restante é descartável.

Quando esse aluno entra na rotina da escola e a ética educativa se inscreve em sua mente, brechas para imperfeições, como mentiras sem propósito e hipocrisia começam a ser abertas. Corrompendo-o de modo a modificar a sua natureza, antes voltada para o verdadeiro bem, como preconizou Rousseau e, posteriormente, Tolstói.

Na pedagogia de Tolstói, todo e qualquer tipo de engessamento dentro do processo educacional acarreta imobilidade. A criança sente-se prisioneira dentro do ambiente educacional. O que era para ser simples e natural torna-se complexo demais para ela, retirando o anseio pelas novas possibilidades de aprendizagem. Para Cuisinet (1959, p. 35), a educação forçada estraga a simplicidade da vida primitiva do ser humano, pois uma vez que a escola incute conhecimentos os quais não serão aplicáveis na vida cotidiana, corrompe o



processo educativo que lhe deveria ser natural. Como efeito colateral, a escola gera em seus discentes a preguiça e a ociosidade.

Às vezes nos perguntamos: Por que temos tanta desmotivação em fazer algo que devemos? Por que o ócio parece mais agradável do que a experiência incrivelmente satisfatória de nutrir nossas mentes com mais informações e moldá-las em novos conhecimentos? A educação, como nós conhecemos, está longe de ser aquilo que deveria ser. Ela nos afasta dos questionamentos. A história avança, e com ela toda a sociedade vai sendo alterada em suas diversas áreas como a cultura, a família, a economia etc. Para cada avanço que é conquistado, uma nova carência surge, e a escola é uma das instituições que mais desenvolve carências na formação do ser humano. Tolstói (1888, s.p.) analisou a história da educação e constatou que a escola só se desenvolve por conta do desenvolvimento dos povos, mas acabam se tornando vãs à medida que o povo se desenvolve. Quando a educação geral se expande exponencialmente e a escola não acompanha esse crescimento, o conteúdo se torna menor e até mesmo, irrelevante.

Uma parte fundamental do processo educativo do ser humano é a instrução. Ela tem o poder de libertar a mente do educando ou reprimir seu potencial. Sobre os efeitos da sociedade e do governo sobre a instrução, Tolstói assinala:

O governo e a sociedade queimam o desejo de educar as pessoas, e, apesar de todas as restrições, astúcia e obstinação dos governos e sociedades, sempre as pessoas manifestam sua repugnância para a instrução oferecida a elas. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

Isso vai contra a ética que deveria ser aplicada no ato de ensinar. Há um grande contraste entre o papel que a escola exerce no nicho da sociedade atual e o que deveria exercer para uma formação adequada dos discentes em relação à vida. Vemos que não somente a escola não consegue suprir as carências que o ser humano traz consigo naturalmente, como também passa uma imagem pejorativa de tudo que a instrução deveria ser e proporcionar. A educação não

oferece suporte para a construção do eu individual de cada criança, não a suporta em suas ambições e não as ensina construir a sua vida. “[...] Como formar o melhor homem de acordo com certas éticas elaboradas em tais tempos e reconhecidas inconfundivelmente?”. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

A ética busca definir o que e como devem ser aprendidos os conteúdos que são necessários para a formação em uma educação livre e espontânea. O grande problema é que nenhuma teoria chega a uma resposta definitiva quanto a isso.

Como Platão, todos os filósofos e pedagogos buscam o problema e o propósito da instrução em ética; alguns a consideram como uma ciência especial e definida, outros como uma ciência eterna elaborada pela humanidade; mas a esta pergunta: "O que deve ser aprendido e como?" Nenhuma teoria dá uma resposta positiva. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

Apesar da não conclusão das teorias, Tolstói acreditava que criança sonha alto, aspira novidades, pois ela é, essencialmente, a liberdade com duas pernas. Correndo, despreocupada com qualquer tipo de problema do mundo em que vive e ansiosa por novas aprendizagens. Tolstói acreditava que, por meio de trabalhos como o engenho natural, a criança teria a chance de construir sua identidade do zero, seu projeto de vida. Com esse tipo de trabalho, a criança veria o mundo de uma forma mais livre e menos opressora (COUSINET, 1959).

Para o escritor russo, quando a educação se pauta na liberdade para estimular a espontaneidade, a criança se sente à vontade para construir sua vida. A escola torna-se o ambiente propício para essa obra e lhes dá matéria prima para o início de seu trabalho vital. A escola não deveria privar o aluno de “colocar a mão na massa”. Ou seja: inventar, construir, desconstruir, questionar, responder e formular outro questionamento. Cada experiência deve ser tangível.

[...]um homem que está acostumado por um longo tempo para ver e valorizar uma madeira jovem crescendo diante de seus olhos, de repente aprenderia o novo. Nós queremos fazer desta madeira um jardim, cortar aqui, conectá - la lá, desenraizar plantas jovens em outro lugar. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

De acordo com Tolstói, a construção da identidade da criança caminha concomitantemente com tudo que ela constrói com suas próprias mãos. O processo de edificação da sua subjetividade é moldado segundo às experiências que ela própria testemunha, deslocando e realocando conhecimentos com a finalidade de construir algo novo.

Uma das coisas que poderia ser construída, também, é a expressão literária livre. Conhecer e reconhecer-se no mundo. “A criança por si só será capaz de apreciar a verdadeira poesia, a verdadeira música, será capaz de escrever obras sem igual em toda literatura [...]”. (COUSINET, 1959, p. 36).

Tolstói defendia a ideia de que a educação segundo os homens, é infecunda, ilegal e impossível. Quando imposta sobre a criança, não gera nada mais do que vícios de uma sociedade já estéril e cauterizada, que carrega uma revolta, derivada de uma infância na qual se rebelou contra a educação pela qual foi subjugada. Ao forçar um modelo educativo, os homens tornam os pequenos, sujeitos inférteis e os obrigam, em sua idade vindoura, a serem férteis para os requisitos do mundo contemporâneo. (COUSINET, 1959).

A afirmação de que “[...] a instrução deve apontar para formar seres capazes de encher as condições que a vida lhes imporá, capazes de trabalhar no aperfeiçoamento delas” (COUSINET, 1959, p. 36), faz todo sentido quando paramos para pensar na formação integral do educando. O escritor afirmava que, em suas diversas viagens por países diferentes na Europa, sempre encontrou uma educação que não estimulava a fertilidade do pensamento. Pelo contrário, as escolas eram demasiadamente enfadonhas. Os professores queriam responder perguntas que as crianças não faziam, pois isso facilitava o serviço para eles, e não para os alunos. “[...] os professores afirmam ensinar como podem, como querem, e em caso de falha, mudar, não o modo como eles ensinam, mas a própria natureza infantil” (TOLSTÓI, 1888a, s.p.). Tolstói acrescenta:

No entanto, quando se pensa quantos séculos se passaram, quem sempre respondeu às crianças sobre questões que não haviam perguntado, quando se pensa o quanto as gerações presentes são repugnantes a essa forma obsoleta de instrução que lhes é imposta, é incompreensível que a escola ainda exista. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

Os professores devem saber aplicar a verdadeira instrução para inspirar o crescimento, orientar. Temos dois tipos de instrução, segundo o autor: a instrução ponderada da escola e a instrução da vida. Ambas devem caminhar juntas para que haja a harmonia benéfica para o educando no trilhar de seus caminhos. “A instrução espontânea da vida e a instrução ponderada da escola sempre caminharam e caminham lado a lado, complementando-se mutuamente” (TOLSTÓI, 1888a, s.p.). Essa harmonia se dá por meio da ética.

A escola falha em estimular uma visão ética educativa saudável no momento que ela é ultrapassada pela educação geral. A educação formal precisa se mostrar útil em seu tempo, oferecer ao aluno a segurança de como lidar com o mundo exterior e seus desafios.

No momento em que o discente não vê contextualização com o que lhe é familiar no ensino, a tendência é a falha no processo educativo. Neste sentido, o professor falhou, pois não soube oferecer ao educando, as condições necessárias ao seu progresso.

No mundo atual, o fluxo de informações aumentou. As pessoas possuem mais informações, constroem-se em cima de uma ética que não é forjada por elas mesmas, mas por terceiros. A transplantação cultural começa a acontecer, não possibilitando a ninguém, a construção autônoma de seus próprios valores.

Se o dever da Escola, admitindo a definição mais comum, consiste na transmissão de tudo o que foi elaborado e reconhecido pelas pessoas em resposta às questões que a vida representa para o homem, não há dúvida de que na escola da idade média e as tradições foram mais circunscritas, e as questões da vida mais facilmente resolvidas, e o dever da escola melhor preenchido. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

De fato. No mundo antigo, o alto fluxo de informação não fazia parte da cultura popular. O maior sonho dos pais era colocar seus filhos em uma escola de alto escalão. A criança desejava ter um alto cargo empregatício quando se tornasse adulta. As coisas eram mais simples e a escola conseguia acompanhar melhor o nível de instrução geral, por conta da visão limitada do povo.

Transmitindo as tradições da Grécia e de Roma de fontes insuficientes e descontroladas, dogmas religiosos, gramática e o que era então conhecido sobre matemática, era muito mais difícil do que hoje transmitir todas essas tradições que foram formadas desde então e que rejeitam em um mundo tão remoto as tradições dos povos antigos, e todo aquele conhecimento do mundo. ciências naturais, que são necessárias em nosso tempo, e as explicações dos fenômenos cotidianos da vida. Mas o método de transmissão permaneceu o mesmo, e é por isso que a Escola teve que ficar para trás e se tornar, não melhor, mas pior. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

A escola foi se tornando pior a cada século que se passou. A sociedade foi se tornando mais complexa, com sua gama de exigências e técnicas, e a escola, continuou a fazer o mesmo que sempre fez. A escola precisa ter seus aspectos rudimentares? Sim, pois grande parte deles são sua essência. Mas quando se pensa em uma escola que não muda sua roupagem de acordo com as exigências de sua época, torna-se um veneno para a geração contemporânea. Nem o maior gênio escapará dos efeitos colaterais dessa intoxicação.

Sendo uma parte orgânica da sociedade, ela não pode estar à parte, excluída do todo. A escola carrega sua cultura, isso é um fato, mas quando falamos de abrir as portas para novas culturas, a história não é tão exata. A escola só consegue ser boa para seus alunos no momento em que ela reconhece as leis básicas que regem suas vidas, ou seja, ela precisa ter a devida estrutura para dar o que é de direito ao educando, para que assim ele possa ter seu pleno desenvolvimento adequado para o mundo.

A escola é uma das partes orgânicas do Estado, que não pode ser considerada e julgada à parte, porque sua dignidade reside apenas em sua conformidade com as outras partes do Estado. A escola só é boa quando reconhece as leis básicas que governam a vida das pessoas. (TOLSTÓI, 1888a, s.p.)

As principais problemáticas da escola devem ser estudadas com afincamento para que se chegue a conclusão do melhor ajustamento da mesma para a sociedade atual e suas particularidades. É fato que tolher o aluno em suas decisões e obrigá-lo a aprender determinados conteúdos não funciona mais. Apesar de todas as limitações, o professor deve procurar uma forma de avaliar as necessidades de seus discentes, e assim encaminhar o processo educativo da forma mais contextualizada.

#### *A relação ética entre docentes e discentes*

Um dos grandes desafios para o professor é lidar com os discentes no âmbito da sala de aula. Os professores, geralmente, dizem que o aluno deve ter disciplina. Mas o que seria essa disciplina? Nós conhecemos a disciplina como: ficar sentado no seu lugar, calado, olhando diretamente para o professor, sem interrompê-lo. Esse é, segundo muitos educadores, a postura ideal para a aprendizagem.

Mas as crianças são naturalmente inquietas, efervescentes, cheias de energia e têm o desejo de se socializarem a todo momento. Quando encontramos uma mais reservada, é exceção. Mas ainda assim, continua sendo uma criança. Os professores enlouquecem quando chegam em sala e se deparam com o tumulto. Eles tentam restringi-lo, gritando: “Fiquem quietos!” Mas, isso só excita os estudantes. No próximo minuto, eles voltarão a elevar seu tom.

Os professores devem saber como mudar o foco da atenção dos seus alunos. Uma vez que ele faça isso, o mar agitado vai se acalmando. Porém, na maioria das vezes, é melhor não dizer nada e deixar que eles se acalmem. Tentar impor qualquer tipo de respeito por meio da força é uma bobagem. Se os

alunos não sentem o desejo de respeitar, não sentem o desejo pela ordem e disciplina, muito menos o terão por meios coercitivos. Ao contrário, isso apenas gerará um efeito avesso (TOLSTÓI, 1888b, sessão IV).

A relação de respeito ao professor é construída, não imposta. A necessidade de ordem e disciplina é compreendida, não forçada. O ensino do professor surte um efeito positivo no aluno quando esse possui o desejo de aprender, sem pressão, mas com espontaneidade. Quanto mais instruídos os alunos se tornam, mais há a necessidade de ordem, a violência diminui e mais capazes se tornam, se comportando de uma forma adequada para aprenderem mais.

O professor comete um erro quando pensa que medo tem relação com respeito. O medo faz com que seu aluno o repudie e se feche para qualquer ensinamento que possa vir do professor. Já o respeito produz receptividade na relação educativa. Com isso, o aluno aprenderá cada vez mais, dando valor ao seu mestre e aos seus ensinamentos.

A influência que o professor pode exercer sobre seus alunos é grande desde que seja construída pelos caminhos da liberdade. Ele não precisa obrigar seu aluno a fazer as lições, mas fazê-lo entender por que é necessário que ele as faça (TOLSTÓI, 1888b, seção V). As lições vão além do papel e da caneta, pois o trabalho do professor deve ir além de qualquer recurso físico. Os quadros e cadernos são apenas pequenas parte de um todo que envolve muito mais entre a conexão de professores e alunos. Ressalta-se, que atualmente, quando se fala em instrução, não se trata apenas de “transmissão de conhecimentos”. Instruir é parte de um processo maior chamado “educação”.

Em meio a tantas concepções de educação diferentes, é importante que o professor tenha em mente a relevância da história da educação. O que os antigos alunos aprendiam? Como aprendiam? Qual era o contexto social da época? O docente deve entender, como anteriormente assinalado, que desconsiderar a história do passado e seus ensinamentos é um erro a ser evitado, e que em meio a diferentes concepções de ensino está o aluno.

Além disso, a turma não pode se tornar cobaia de testes. Uma vez que sucessivas intropjeções de diferentes conceitos pedagógicos é testada, uma confusão é produzida na cabeça do discente e a ideia de liberdade fica cada vez mais distante. Nunca se chega a uma ética comum que venha beneficiar o relacionamento entre alunos e professor (TOLSTÓI, 1888a, s.p.).

Além de ter o plano de aula em suas mãos, o professor deve saber o que seus alunos desejam aprender e como poderão aprender. Descobrir esses caminhos é uma das principais tarefas dos professores na mediação do conhecimento.

### **A escola em Yasnaia Poliana**

A escola de Yasnaia Poliana se situava em Tula, na Rússia. Ficava na propriedade de León Tolstói e foi criada com a finalidade de atender aos filhos dos mujiques que trabalhavam no campo e levavam uma vida simples. Também aos mais idosos que ainda desejavam aprender algo novo. Sem muitos luxos, Tolstói oferecia um espaço em sua escola.

A escola possuía uma estrutura física rústica, típica do campo, sendo composta de duas salas que eram reservadas para as crianças (uma sala para a classe alta e outra para a classe baixa), outras duas que se destinavam aos professores, e uma reservada para os estudos.

A escola funcionava de maneira disciplinar, possuindo uma tabela com os devidos horários de cada disciplina. O planejamento era montado pelos mestres, que se comunicavam para sua elaboração, mas era flexível, e podia ser mudado de acordo com o interesse dos alunos. O sino tocava indicando o horário de início das aulas por volta das 8 horas da manhã e a rotina das aulas era estipulada da seguinte forma:

A classe baixa lê, resolve problemas relacionados às três primeiras regras da aritmética e aprende a História Sagrada: para que os sujeitos sejam distribuídos, de acordo com a tabela do cronograma, da seguinte maneira: 1. Leitura mecânica e



progressiva; 2. Escrita; 3. Caligrafia; 4. Gramática; 5. A Santa História; 6. A História da Rússia; 7. Desenho; 8. Desenho linear; 9. A música; 10. Matemática; 11. Conversas sobre Ciências Naturais; 12. Instrução Religiosa. (TOLSTÓI, 1888b, seção I)

Os professores não passavam lições de casa. As crianças iam para escola prontas para aprender algo novo, que seria lecionado pelo professor do dia, sem preocupações com tarefas postergadas. A escola respeitava o desejo latente da criança de apreender algo diferente do que ela viu antes, e deixava que ela viesse por conta própria, sem medo das lições seguintes, apenas com sua natureza impressionável e mantendo a certeza que a escola estaria pronta para recebê-la e oferecer algo bom.

Quanto aos atrasos, nada de punições. Por conta do contexto social dos alunos, entendia-se que os alunos mais velhos, algumas vezes, se atrasariam por conta do trabalho que exerciam junto aos pais. Outros menores, corriam e se divertiam no caminho da escola, mas sempre chegavam a tempo (TOLSTÓI, 1888b, seção III).

Como em qualquer turma escolar de crianças, quando o mestre chega, há a bagunça típica delas. Uns correndo pela sala, outros se agarrando e se amontoando no chão, enfim, o cenário escolar peculiar. O professor se direciona para o armário e começa a distribuir os livros para aqueles que o seguiram até lá. Os outros que ainda brincavam ardentemente, quando olhavam seus amigos já sentados com o livro nas mãos, paravam imediatamente o que faziam e corriam ávidos por um livro também. Logo, todos estavam centrados na leitura, alguns ainda agitados pela brincadeira tinham dificuldades para começar, mas logo se acalmavam. Daí em diante, todo o fulgor da diversão anterior transfere-se para a atividade proposta pelo mestre. Não havia obrigação de ficarem sentados em suas cadeiras. Os alunos se espalhavam pelos cantos da sala, onde se acomodariam melhor. Eles podiam sentar no peitoril da janela, nos bancos, no chão ou nas poltronas. Os meninos que moravam perto uns dos outros sempre demonstravam uma grande camaradagem e permaneciam juntos (TOLSTÓI, 1888b, seção IV).

As aulas eram ministradas de forma interdisciplinar, ou seja, os conteúdos transpassavam por diferentes matérias. Muitas vezes, as aulas que eram programadas, inicialmente, para durarem uma hora, duravam duas ou três horas. Os alunos tinham sede de conhecimento. E quando se engajavam em diferentes tarefas durante a aula, se empolgavam e nem viam a hora passar.

Existem quatro lições no cronograma, mas às vezes são apenas três ou duas e, às vezes, você também se envolve em outras coisas. O mestre começa com aritmética e passa para a geometria ou começa com a história sagrada para terminar com a gramática. Não é incomum que professores e alunos participem da aula e não de uma hora por três horas. Acontece que as crianças gritam:

- Ainda não! ... Ainda! ...

E para zombar dos entediados:

- Se te incomoda, vai com os pequeninos! Eles dizem com desprezo. (TOLSTÓI, 1888b, seção IV).

Muitas formas rígidas de organização de cronogramas de aula e horários haviam sido tentadas no princípio, mas logo viram que nada disso serviria para realizar um trabalho eficaz com as crianças que ali estudavam. Aos poucos, foi se transformando. Em um mês, era possível ver a escola funcionando de maneiras diferentes em sua organização.

A principal ideia de trabalho da escola era focar na liberdade do educando, e estimular a ordem natural. Às vezes os alunos batiam em retirada da escola, pegando até mesmo seus mestres de surpresa. Eles simplesmente chegavam e diziam: - Todos estão indo embora! Eu irei também! E então partiam. Por mais que as crianças tivessem esse livre-arbítrio, elas respeitavam a figura do mestre, que por sua vez exercia uma enorme influência sobre cada um de seus alunos. Sua legitimidade era reconhecida.

De minha parte, na Escola Yasnaia Poliana, fiquei encantado ao vê-los se renovar várias vezes em um mês. Apesar da latitude deixada para as crianças partirem quando desejarem, a autoridade do mestre é, no entanto, tão grande que, nestes últimos tempos, eu temia que a disciplina das aulas, o horário, as anotações, por mais leve que seja o peso, não acabe interferindo em sua liberdade, tirando-os completamente da rede de ordens

que lhes são impostas por nossa astúcia, privando-os da faculdade de escolha e protesto. (TOLSTÓI, 1888b, seção VIII)

Como assinalado, os adultos tinham a oportunidade de frequentar a escola também, mas, sempre estavam em menor quantidade e marcavam presença esporadicamente. Tinham muita dificuldade de aprender e se integrarem na dinâmica da escola. Isso porque sofriam muitos pressionamentos externos. Em todos os momentos em que se encontravam na escola, estavam muito irritados, impacientes e apressados.

Para esses adultos, que vêm um por um, o sistema escolar é muito inconveniente. Sua idade, sua autoestima os impedem de participar da animação da escola, de se misturar com as crianças, e eles permanecem absolutamente isolados. O movimento da escola apenas os impede. Eles chegam lá, na maioria das vezes, já sabendo alguma coisa, para terminar de se educar, com a convicção de que o estudo consiste apenas e sempre na leitura dos mesmos livros que eles já leram ou ouviram ler antes. Para ir à escola, ele teve que superar seu medo, sofrer as tempestades de sua família e as provocações dos camaradas. (TOLSTÓI, 1888b, seção XII)

Para eles, o tempo usado para estar ali era tempo perdido de trabalho, que constituía seu principal capital. iam a escola unicamente para terminar os estudos que outrora não tiveram a chance de terminar, mas sempre eram vistos lendo repetidas vezes as mesmas lições.

Temos cerca de quarenta estudantes, mas raramente mais de trinta juntos, incluindo três a cinco meninas; nossos meninos são sete a treze em geral. Além disso, a cada ano, há três ou quatro adultos por um mês, às vezes durante todo o inverno; então eles nos deixam completamente. (TOLSTÓI, 1888b, seção XII)

De acordo com Tolstói (1888b, seção XII), a escola era gratuita e muitos alunos a deixavam porque os pais não concordavam com seus métodos. Apesar de a escola realizar um trabalho diferenciado, a clientela não era grande. Na escola havia o total de 40 matriculados, mas somente 30 crianças ou um pouco mais estudando juntos.

A escola Yasnaia Poliana é, portanto, uma pequena escola em tamanho, mas grande por compreender o espírito livre da criança e com ele atuar para promover a aprendizagem. Cada aluno é capaz de fazer suas próprias escolhas. Nada é proibido. Nada é imposto. E todos aprendiam a ler, a escrever e muito mais. Porque aprendiam segundo os seus desejos, no tempo em que eles determinavam para si mesmos.

### **Considerações Finais**

Por meio desse trabalho verificou-se que a liberdade na escola é fundamental. A escola, ainda hoje, enquadra as mentes, limita pensamentos e cerceia liberdades. Por meio de sua ética conservadora, não permite que o aluno avance por si mesmo em relação ao conhecimento.

No conceito de disciplina de Tolstói constatou-se que a relação de respeito é algo construído nos indivíduos, atores das relações interpessoais, logo, algo entendido e jamais imposto por meio de intervenções externas.

Observou-se que o professor pode, dependendo da sua forma de agir, ser danoso no processo de aprendizagem do aluno, ao contrário, possibilitar grandes avanços e descobertas em relação ao conhecimento. A partir do momento que ele age como o detentor dos critérios de justiça e os aplica sobre as diversas situações do dia a dia escolar agindo como juiz e executor, ele pode estar sendo a causa do cultivo de emoções negativas como ódio, desprezo, vingança e apatia. No entanto, quando age com respeito ao tempo do aluno e propiciando liberdade a ele, torna-se o mediador das relações e favorece o agir e o pensar do educando. Isso só traz benefícios para a formação integral daqueles sob sua responsabilidade, pois é pensando, agindo e refletindo sobre suas ações que o aluno aprenderá algo para sua vida. Mestres têm a característica única de serem inesquecíveis e impactarem grandiosamente a vida daqueles que param para ouvi-lo.

Com as leituras acerca da escola de Yasnaia Poliana, foi possível inferir que esta escola não foi perfeita, mas ajustada, que atendia da melhor forma possível os pré-requisitos para qualquer aprendizagem, uma vez que priorizava a liberdade e a estimulação do desejo de aprender latente em cada um que ali se encontrava. Mesmo tendo uma estrutura campestre, ela conseguia, com simplicidade, realizar o essencial para que cada aluno se construísse de forma significativa.

A pesquisa trouxe respostas satisfatórias à problematização inicial, fazendo emergir novas perguntas sobre a ética dentro das escolas e em suas relações internas e externas. Os objetivos gerais e específicos foram alcançados, trazendo respostas quanto ao entendimento da ética dentro da escola de Yasnaia Poliana.

O acesso às obras originais de Liev Tolstói e de outros autores que se embasaram em seu pensamento, trouxeram clareza sobre o tema e favoreceram o encontro de caminhos para a realização deste trabalho.

## Referências

COUSINET, Roger. A educação nova. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

TOLSTÓI, Comte Léon. La liberte dans l'école. Première Traduction française. Paris: Albert Savine, 1888a. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99cole\\_de\\_Yasna%C3%AFa\\_Poliana](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99cole_de_Yasna%C3%AFa_Poliana) Acesso em: 04 set. 2019.

TOLSTÓI, Comte Léon. L'école de Yasnaia Poliana. Première Traduction française. Paris: Albert Savine, 1888b. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/w/index.php?title=Page:Tolsto%C3%AF\\_-La\\_Libert%C3%A9\\_dans\\_l%E2%80%99cole.djvu/10&action=edit&rdlink=1](https://fr.wikisource.org/w/index.php?title=Page:Tolsto%C3%AF_-La_Libert%C3%A9_dans_l%E2%80%99cole.djvu/10&action=edit&rdlink=1) Acesso em: 04 set. 2019.